

Livro didático na memória de seus leitores

Textbook in the Memory of its Readers

Antonia Terra de Calazans Fernandes*

RESUMO

O texto apresenta a continuidade da pesquisa com usuários de livros didáticos, que cursaram a escola entre 1940 e 1970, publicada em um artigo no ano de 2004, na revista *Educação e Pesquisa*, que se inseria no projeto “Educação e memória: organização de acervo de livro didático”, coordenado por Circe Bittencourt. O texto aqui apresentado tem por objetivo dar prosseguimento à análise de entrevistas realizadas em 2004 e 2005, considerando a permanência de estudos de memórias de manuais escolares, coletadas a partir da metodologia da história oral. Foram escolhidas três entrevistas de depoentes que estudaram entre as décadas de 1950 e 1960, associando-as ao artigo de 2004, e apresentando reflexões a respeito dos livros didáticos, a história oral e a diversidade de memórias e vivências escolares. Como resultado, explicita a importância de estudar e preservar a história dos livros didáticos.

Palavras-chave: Livro didático; Memória; História oral.

ABSTRACT

This text presents a continuation of the research with textbook users who attended school between 1940 and 1970, published in an article in 2004 in the journal *Education and Research*, which was part of the project “Education and memory: organization of textbook collections”, coordinated by Circe Bittencourt. The text here presented aims to continue the analysis of interviews conducted in 2004 and 2005, considering the permanence of studies of memories of school manuals, collected using the oral history methodology. Three interviews with deponents who studied between the 1950s and 1960s were chosen, associating them with the 2004 article, and presenting reflections on textbooks, oral history and the diversity of memories and school experiences. As a result, it explains the importance of studying and preserving the history of textbooks.

Keywords: Textbook; Memory; Oral History.

[...] a história oral distingue-se de outros escritos do Campo das Ciências Sociais que buscam legitimar-se ocultando o papel do pesquisador na constituição das fontes, como se elas existissem por si, em vez de serem produto do encontro dialógico.

(Portelli, 2010, p. 217)

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. antoniacalazans@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-5586-7144>>

A partir da década de 1980, foram gradativamente ampliados os estudos que têm como objeto de análise os livros didáticos (BITTENCOURT, 2011). Ao longo dos anos, os aprofundamentos na problemática foram sendo associados a diferentes temas, fontes documentais e bases teóricas, alargando a compreensão das relações que esses materiais escolares estabelecem com a educação e com a sociedade.

Neste texto, a linha de pesquisa adotada estabelece vínculos essenciais com o campo de conhecimento histórico, ou seja, estuda os materiais didáticos a partir de suas historicidades. Isso significa reconhecer a complexidade histórica dessas produções em seus contextos específicos, entendendo-as como objetos históricos, que demandam diferentes e complementares análises (CHOPPIN, 2008).

Os manuais didáticos têm suas especificidades enquanto objeto cultural e para entendê-los é necessário compreender como estão enredados em múltiplas e diversas histórias. Nessa perspectiva, os estudos do historiador Roger Chartier contribuem para melhor compreensão dessa linha de análise, dando atenção e salientando a totalidade das relações, práticas e representação dos objetos presentes no mundo social.

Descrever uma cultura seria então compreender a totalidade das relações que nela se encontram, o conjunto das práticas que nela se exprimem as representações do mundo, do social ou do sagrado. Tarefa impossível. [...] Abordá-las, a nosso ver, supõe uma atitude diferente, que focaliza a atenção sobre as práticas particulares, os objetos específicos, usos determinados. As práticas do escrito, que fixam ou produzem a fala, cimentam as sociabilidades ou prescrevem comportamentos, atravessam tanto o foco privado como a praça pública, levam a crer, a realizar ou a sonhar, nos pareceram uma boa entrada numa sociedade em que o impresso multiplicado convive com as formas tradicionais de comunicação e em distinções novas fraturam uma base compartilhada. (CHARTIER, 2004, p. 18)

Como objeto cultural, o livro didático tem sido estudado em sua imersão na sociedade. É um objeto em si em sua materialidade e faz parte de uma cultura, que o produz, o utiliza e o simboliza, recriando-o em diferentes perspectivas sociais. Ele está principalmente inserido na história da cultura escolar, mantendo vínculos tanto com a estrutura educacional como com o cotidiano e a diversidade de vivências, aceitações e conflitos internos às escolas e às salas

de aula. E, para melhor entender a cultura escolar, na qual os materiais didáticos se inserem, podemos recorrer a Dominique Juliá, que muito tem contribuído para o entendimento sobre o universo escolar e o que pode e deve ser estudado em suas particularidades:

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (JULIÁ, 2001, p. 10 e 11)

Os manuais escolares estão imersos nesses comportamentos, normas e práticas escolares. E, nas últimas décadas, entre as diferentes possibilidades de análise desses materiais, as pesquisas passaram a incluir estudos a respeito de seu uso, considerando professora/es e estudantes. Nesse caso, há diferentes possibilidades de abordagens. Há aquelas que consideram as pessoas como passivas no uso e consumo dos manuais e há as que valorizam as diferentes relações que docentes e discentes estabelecem com esses objetos culturais e pedagógicos. Aqui se adota a segunda premissa, apresentando um estudo do livro didático a partir da memória de seus usuários.

Para analisar alguns aspectos relativos aos materiais didáticos, foi feito um recorte: foram analisadas três entrevistas realizadas nos anos de 2004 e 2005, a partir do projeto “Educação e memória: organização de acervo de livro didático”, coordenado pela professora Circe Bittencourt, investigando a relação dos usuários com o livro didático em geral, sem privilegiar determinada disciplina escolar, apesar das recordações sinalizarem determinadas obras, autores e editoras.

Cabe explicar que os entrevistados foram contactados por terem vivido sua escolaridade em outros estados (com algumas exceções), morarem em São Paulo, terem nascido entre 1940 e 1970 e demonstrarem interesse com o tema pesquisado. E, quanto ao perfil deles, os três estudaram em diferentes localidades brasileiras (Rio de Janeiro, Pará e São Paulo), nas décadas de 1950 e 1960. O de-

poente 1 nasceu em 1946, na cidade do Rio de Janeiro, é filho de professores e trabalha como diretor de fotografia; a depoente 2 nasceu em 1955, em Belém do Pará, e é bibliotecária; e a depoente 3 nasceu em 1955, em Osasco/SP, e é formada em História. A escolha por aqueles que estudaram em localidades diferentes, mas que moram em São Paulo, teve originalmente a intenção de avaliar variações regionais, quanto aos manuais didáticos e à cultura escolar.

MEMÓRIAS E HISTÓRIA ORAL

Para estudar as memórias dos manuais escolares foram realizadas entrevistas por meio da metodologia da história oral, envolvendo coleta e análise de depoimentos com pessoas que conviveram com eles na escola.

A pesquisa incluiu investigações sobre as reminiscências que sinalizam as interferências do livro didático na formação social e cultural dos depoentes e nos seus imaginários; os papéis sociais, educacionais e culturais que esses materiais têm alcançado na formação de gerações; e os valores atribuídos a eles como objetos, que orientam, por exemplo, atitudes em prol de sua guarda ou preservação. Nesse sentido, diferente de outros trabalhos no campo da História Oral, que privilegiam histórias de vida, as entrevistas coletadas foram fundamentalmente temáticas, ou seja, o centro das questões e das memórias solicitadas circularam em torno do livro didático.

Apesar de amplamente debatida por historiadores, vale ressaltar que a negação de uma busca nas fontes orais unicamente por conta de uma restrita veiculação social compromete a percepção da dimensão subjetiva e da individualidade inerente às lembranças, presentes nos depoimentos dos entrevistados. Mais do que isso, a metodologia de história oral decorre do encontro entre pessoas.

A narração oral só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo. Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador. [...] A diferença cultural entre pesquisador e narrador sujeita este último a estímulos imprevistos, força-o a explorar setores e aspectos da sua experiência que geralmente não são mencionados quando ele conta histórias ao seu círculo imediato.

Na história oral, enfim, o relato da história não é um fim em si mesmo. No que diz respeito ao entrevistador, visa à produção de um outro texto. (PORTELLI, 2010, p. 19 e 20)

Quando o entrevistador coleta o depoimento, sabe que uma das características da memória é, especificamente, agregar a ela tanto o contexto no qual narra, como dimensões coletivas e individuais, assim como reconhecer que essas dimensões passam por transformações, flutuações e mudanças em função de outros momentos, contextos e histórias pessoais e sociais.

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescentam, unificam, diferenciam, corrigem e passam a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre a vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. [...]

Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum. (BOSI, 1987, p. 332-333)

Na perspectiva de Michael Pollak, a dimensão coletiva pode ser identificada nas memórias através de marcos ou pontos invariáveis, imutáveis, frequentes nas narrativas. São os acontecimentos recorrentes, independentemente da variação dos temas discorridos ou das épocas relembradas. Esses marcos fixam-se por conta de construções de memórias coletivas, que passam a ser referências para o indivíduo como elemento da realidade e parte constitutiva de sua história (POLLAK, 1992, p. 200-212).

São exatamente as características da memória que abrem possibilidades para investigações sobre as relações entre as vivências individuais e o mundo social e cultural. Nessa perspectiva, é possível identificar essas relações entre indivíduos e sociedade, avaliar identidades construídas, estudar a subjetividade como problemática histórica e aprofundar a compreensão das experiências do cotidiano.

Através de memórias, construídas e narradas em entrevistas, o recorte temático da pesquisa está centrado na relação social e subjetiva entre o livro didático em geral e seu usuário. E, na análise dos depoimentos, prevalecem algumas

preocupações específicas, tendo em conta o que apontam as referências bibliográficas sobre a especificidade do livro – e em especial o didático – e sua história. Para estudar o tema, assim, foram destacadas as narrativas do que a/os entrevistada/os recordam de certas particularidades do livro escolar, como: objeto material (tamanho, cor, formato, tipo de papel, tipo de capa); portador de conteúdo (textos, imagens, mapas, exercícios, ideias); objeto de uso (na escola, fora dela); produto editorial (autor, editora); elemento de relações escolares; objeto de valor e de significados pessoais e sociais; e objeto de mudança histórica.

No processo de interrogar o texto/depoimento (antes narrado e depois transcrito), tendo em conta a relação entre o mundo social e subjetivo, tem sido importante identificar a relação entre a informação imediata apresentada pela narrativa e o esforço da/o entrevistada/o para transmitir suas ideias sobre si mesmo, sua formação, seus compromissos sociais ou culturais, sua família, sua escolaridade, suas reflexões sobre a sociedade e a escola, o que pensa do livro em geral e do papel do livro didático no contexto maior de suas vivências, de suas experiências com os livros, e do papel desses materiais em sua história de vida.

Como explica Michael Pollak, a narrativa é o resultado de um longo processo individual de organização de acontecimentos, impressões, valores e ideias, envolvendo uma interação também com a vida coletiva, que inclui memorizar, recalcar, excluir, lembrar, rejeitar, selecionar, modelar sentidos etc., indicando a construção de uma imagem para si mesmo, uma imagem para o outro, ou que o indivíduo deseja que o outro construa para si, ou seja, há uma estreita relação entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p. 200-212).

Na valorização da subjetividade, apreendida nos depoimentos orais, considerando a perspectiva histórica, Luísa Passarini salienta:

Eu sugiro que a necessidade essencial é seguir por perspectivas que permitem ao individual prevalecer sobre o coletivo. A análise deve ser invertida. Se voltarmos a nossas histórias de vida de 1968, veremos que os arquétipos estão presentes em todas elas, mas em caminhos únicos e diferentes. A história está interessada precisamente em tais diferenças. Somente a partir destas diferenças podemos entender que o suicídio não era inevitável, nem no plano racional nem no imaginário [...]. (PASSARELI, 1993, p. 39)

Como a memória tem suas especificidades, é importante considerar que

existem diferentes dimensões de análise possíveis para os depoimentos colhidos nas entrevistas. Um importante exercício é reconhecer que as falas estão organizadas a partir de um sentido maior construído principalmente pelo narrador. Ou seja, há um motor principal que estrutura a narrativa do depoimento e agrega informações e ideias e, geralmente, esse fio condutor está ligado a significados e a valores atribuídos pelo depoente à sua identidade ou à imagem que constrói para si de si mesmo – ou que quer apresentar ao outro – envolvendo sua vida em geral, de sua família ou sua vida escolar. No caso, por conta das questões solicitadas, muitos valores presentes nos depoimentos remetem ao cotidiano da escola e aos valores ligados à educação e à cultura letrada.

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudanças, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que a memória e a identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como a essência de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 5)

Na comparação com produções literárias, é possível afirmar que a narrativa do depoente tem uma construção autoral: nas entrevistas, com frequência as pessoas lutam com o entrevistador para garantir a permanência de um fio condutor para sua história. Esse fio tende a permanecer estruturando o enredo inclusive quando a/os entrevistada/os são provocada/os, pelo interlocutor, a desviarem por conta de variadas perguntas (THOMPSON, 1992, p. 309).

O sentido geral, ou o fio condutor, entrelaçado nos depoimentos, interfere no valor atribuído ao nosso objeto de investigação – o livro didático. Assim, cabe questionar se existem e quais são os sentidos gerais que cada uma das pessoas entrevistadas modelou na sua fala. Como esse sentido geral interfere no valor atribuído ao livro didático? E de que maneira os livros expressam os valores que induzem o sentido geral que se quer transmitir?

A identificação do fio condutor das narrativas ajuda a redimensionar as lembranças em relação ao livro didático dentro de valores sociais mais amplos e que dizem respeito ao significado atribuído à escola, ao livro em geral, ao conhecimento letrado, às identidades nacionais e regionais e à relação entre a escola, o trabalho e a família. Nessa perspectiva, os manuais didáticos emergem

como elementos materiais e culturais mesclados às vivências e realidades brasileiras e como objetos que aglutinam memórias, com perspectivas inerentes aos contextos históricos dos depoimentos.

A presença do pesquisador, que seleciona e colhe depoimentos, também é fundamental nos resultados das memórias requisitadas. Além de provocar intencionalmente a emersão de lembranças, também solicita, mesmo que implicitamente, que o entrevistado atribua algum tipo de valor ao objeto pesquisado. O tema também impõe suas seleções de recordações e provoca associações. Em torno dos manuais escolares, ressurgem, assim entrelaçados, os universos da escola, de professores, da família e da infância.

Esse tipo de história é, de fato, resultado da intervenção de um ouvinte e “questionador” especializado: um historiador oral com seu projeto. Ele dá início ao encontro e cria o espaço narrativo para o narrador – que tem uma história a contar, mas que não a contaria *daquela maneira* em outro contexto ou a outro destinatário. (PORTELLI, 2010, p. 212)

O QUE AS MEMÓRIAS CONTAM SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS

A pesquisa considerou todos os cuidados para respeitar e valorizar os depoentes, suas memórias e o que queriam contar. As entrevistas foram gravadas, transcritas e apresentadas aos depoentes.

A partir das entrevistas foram sendo destacadas algumas particularidades que estão sendo aqui analisadas. Elas apontam, por exemplo, para uma relação quase direta entre as vivências familiares e o valor atribuído ao livro em geral, que inclui os manuais escolares. Em um dos depoimentos (Depoente 1), a preservação desses materiais manteve vínculo direto com a história familiar e profissional dos pais: a mãe professora e o pai professor e autor de livro didático. A convivência com livros desde a infância construiu valores sociais, culturais e intrínsecos à memória das vivências particulares do depoente.

Eu sempre vivi cercado de livros. Meu pai e minha mãe eram professores. O meu quarto inclusive era no escritório do meu pai. Então literalmente eu vivia cercado de livros. Dormia cercado de livros. Meu quarto, as quatro paredes eram estantes de livros. E eu tinha acesso ao que eu quisesse. Não tinha nenhuma restrição.

Podia pegar qualquer livro e consultar. Então desde o momento que eu aprendi a ler, eu comecei a ler compulsivamente. Eu era um leitor compulsivo quando criança. Eu lia tudo, de bula de remédio a enciclopédia francesa Larousse que está ali oh! Seus sete volumes. Eu lia tudo que caía pela frente. Então eu li praticamente tudo. Meu pai tinha livros de medicina - ele era formado em medicina, embora não exercesse a profissão, mas eu lia livros de medicina, lia enciclopédia. Era um grande leitor de enciclopédias. Adorava ler. [...] Meu apelido era enciclopédia ambulante, porque tinha uma memória muito boa. Então eu não só lia, como guardava o que eu lia. (Depoente 1)

O contexto familiar e as particularidades individuais do entrevistado, modelando sua identidade com referências letradas, apresentam uma memória com maior discernimento quanto às especificidades do livro escolar. Em especial, sua formação, construída na infância, mas reconstruída nos grupos de convívio também posteriores, possibilita ao depoente lembrar das editoras responsáveis por produzir os livros, distinguindo-as por sua produção editorial:

Eu não sei como é atualmente, mas antigamente existia uma gama razoável de livros didáticos. Não era partido único e nem dois partidos. Tinham vários livros, entendeu. E a gente sacava mais ou menos quais eram as editoras melhores. Os livros da Garnier eram muito bons os livros didáticos. [...] era evidente que os colégios melhores adotavam determinados livros, e outros não. (Depoente 1)

As lembranças do depoente a respeito de alguns autores e editoras indicam que, como se verifica neste caso do Depoente 1, e considerando que a escolaridade pode interferir nas informações letradas preservadas ou não na memória escolar (FERNANDES, 2004, p. 534), os livros didáticos assemelhavam-se às outras produções editoriais, na medida em que não eram simplesmente vistos como materiais padronizados, sem qualquer particularidade ou sem que se pudesse julgar sua qualidade. De modo geral, identificar um autor significava valorizar a autoria, e distinguir a editora do livro representava qualificar o produto a que se tinha acesso. No caso dessas recordações, é possível afirmar também que o livro era percebido como decorrente de uma produção editorial e ainda como mercadoria.

Algumas lembranças são muito específicas quanto às práticas escolares envolvendo o livro didático e sua inserção no mercado editorial. O depoente

que conhecia autores de livros didáticos, por seu pai ser também autor de um livro escolar de química, menciona como os professores chegavam a dar certo valor aos livros escolhidos, contando como justificavam a adoção.

Mas todos eles davam muita importância ao livro adotado. Eu me lembro disso. [...] alguns até justificavam nos primeiros dias de aula porque tinham adotado aquele livro. E me lembro desse discurso, entendeu. Esse professor de história, o primeiro, o Mauro, que foi nosso paraninfo no ginásio, me lembro dele elogiando, dizendo: eu adotei esse livro porque esse livro blábláblá...então era meio que nem médico e representante de laboratório. Alguém fazia a cabeça deles, com certeza, eles eram apresentados aos livros, não sei como era nessa época, se tinham um representante da editora e tal, mas os professores tinham uma adoção partidária dos livros. Eles adotavam os livros e defendiam os livros. Tinha uma coisa assim. (Depoente 1)

Conviver com autores de livros didáticos criava, para esse entrevistado, situações talvez pouco comuns para a maioria dos estudantes, pois na medida em que conhecia autores, mantinha também certas expectativas de estudar com os livros que eram mais conceituados. Essas vivências marcaram, por outro lado, suas decepções e impressões negativas das opções didáticas dos docentes. Nem sempre o livro escolhido pelo professor correspondia àquele que esperava estudar.

Tinha um grande professor de português no Rio de Janeiro, um grande gramático, famoso, professor Cândido Jucá Filho, que era grande amigo deles, tanto ele quanto a mulher – a mulher também era uma professora querida, uma das professoras mais queridas minhas do primário – Tia Celi, era casada com esse professor Jucá. E ele tinha livros ótimos, mas nunca eram adotados. Toda série que eu ia... esse ano o livro de português vai ser o do Jucá. Nunca era. Não sei por que, mas ele não tinha popularidade. (Depoente 1)

Entre as memórias, há a recordação de um livro adotado por uma professora que era a própria autora do manual. Esse livro era publicado pela editora Globo e sinaliza a possibilidade de autores de livros didáticos serem também docentes atuantes em salas de aula.

Os didáticos, me lembro. Eu fui alfabetizado por uma cartilha de uma professora, de autoria de uma professora minha, Dona Yolanda, que usava um método que na época era revolucionário, que hoje a gente acha uma bobagem, que é a formação das sílabas, depois as sílabas formando palavras simples, e as palavras simples encadeando palavras complexas e tal. Então eu aprendi nessa cartilha. [...] Chamava-se Cartilha Moderna. [...] Era publicado, era adotado pelo menos nessa escola pública que eu estudei, era o livro oficial da alfabetização. (Depoente 1)

Nas lembranças, são frequentes as recordações de como os livros eram utilizados e quais eram os métodos de ensino. Nesse sentido, a partir do manuseio das cartilhas, do livro de leitura ou da execução de exercícios de aritmética, são expressos os contextos históricos das concepções educacionais e das propostas de ensino dos professores. E, juntamente com as recordações dessas práticas docentes, presas às rotinas das leituras e cópias literais dos manuais, ficam também agregados nas memórias os julgamentos quanto à validade ou aos efeitos dos modelos de ensino e aprendizagem adotados e às estratégias inventadas no espaço da escola para escapar dos tradicionais costumes.

Mas alguns professores, eu me lembro, que tinham uma relação com o livro mais formal. Eles liam ao início das aulas [...] liam no início da aula o capítulo que ia ser estudado. Liam bláblábláblá... Pra mim não funcionava. Depois do terceiro parágrafo já estava com sono, distraído, olhando pela janela. Eu não era mau aluno, mas eu achava em geral os professores chatos. Eu sempre chegava no primeiro dia de aula bem cedo para pegar um lugar na janela. Eu sempre me sentei na janela. Logicamente alguns professores sacavam e me mudavam de lugar. [...] Agora, quando era um professor bom, até a leitura do livro didático era boa, porque você sabia que aquilo era só uma introdução, depois ele ia comentar aquilo e tal. [...]

E tinham professores que não davam muita bola para o livro também. Tinham professores que ficavam aulas, semanas, sem mandar abrir o livro. A gente achava estranho, porque como a gente colocava cada dia de manhã dentro da mala os livros que iam ser usados, tinham livros que estavam novinhos, entendeu, porque não eram manipulados. Porque os professores - alguns professores - realmente achavam que o ensinamento, a informação, entrava pela mão. Então eles escreviam no quadro e a gente copiava. É, eu tinha um bode grande de cópia do quadro, porque justamente não era muito diferente a informação que eles

escreviam no quadro negro e a gente copiava que estava no livro. Era uma espécie de *copy desk*, entendeu. Então era só uma diluição da informação do livro.

Tinha uns até... piores. Eram os que abriam o livro e copiavam o livro na lousa pra gente copiar, gastando tempo de aula pra isso. Esses eu tinha realmente ódio. Tinha um professor de francês que era grego, e que era neurótico de guerra... [...]. Esse cara me perturbou muito a vida. Esse cara, o método dele era esse. Ele abria o livro e copiava: ia do livro pra lousa e a gente da lousa pra o caderno – Depoente 1.

Assim, junto com as recordações dos livros, a/os depoentes narram métodos escolares e, entre eles, também aqueles que eram associados às lições, aos castigos e à memorização, como conta a Depoente 2.

Ela tinha uma cartilha, novamente a gente usava essa cartilha Série A, que ela pedia. Ela, não sei por que, achava que era boa essa cartilha. Aí nós fazíamos cópia pra poder desenvolver a letra, a escrita, melhorar a letra... tinha ditado e tinha lição que você estudava na cartilhinha [...]. E tinha tabuada, sabatina, batia com régua, palmatória, se a gente errasse. E tinha também os dias da semana, era muito interessante, que era conhecimentos gerais. Então você ia lá pra frente, ficava ela aqui com uma régua, uma palmatória na mão, e ficavam aqueles alunos em U, que ela podia ver todos na frente assim [...]. E ela ia perguntando capitais do Brasil... quando era tabuada, matemática, era sabatina de matemática [...] Três vezes seis? Aí a gente tinha que dizer... é 18. Nove fora... tinha um tal de nove fora que já não sei mais o que é isso. [...] de multiplicar eu era muito boa, principalmente de multiplicar porque eu decorava... Eu decorava, eu já sabia quando eu entrei na escola. (Depoente 2)

A diversidade de livros na escola tem sido acompanhada pela variação de métodos didáticos, apesar da recorrência das cópias, das leituras e dos exercícios moldarem cotidianos cansativos e repetitivos. Os professores mais inovadores aparecem nas lembranças como aqueles que iam além do livro. Mas, mesmo assim, os compêndios foram apresentados envoltos em memórias saudosas, que os valorizam como elementos fundamentais de uma vivência particular de um momento da vida.

[...] tem uma cartilha que me marcou muito, que é a Cartilha série A. Nome da cartilha “Cartilha Série A”. Era uma cartilha assim... contava histórias... tinha sempre aqueles desenhos, desenhos da época mesmo, não esses desenhos que

têm hoje... e aquelas liçõezinhas... Você quer ver, aquela cartilha era boba, mas marcava... as vezes as duas linhas que marcava pra gente estudar, aquelas duas linhas pra saber foram muito interessantes. [...] Ela marcava tipo assim... começava na primeira página... ela já marcava duas linhas e você tinha que estudar aquelas duas linhas e depois ela tomava a lição. (Depoente 2)

Os livros didáticos eram parte integrante também dos procedimentos, das normas, da disciplina, dos métodos e da avaliação escolar. Um entrevistado conta, por exemplo, como no início do ano letivo era costume estabelecer regras para os alunos adquirirem o mais rápido possível seus manuais, demonstrando a dependência dos métodos e dos currículos em relação à presença desses materiais.

Todo mundo tinha o livro. Você tinha uma semana no início do ano pra comprar o livro. Se depois da primeira semana você não tivesse o livro didático você ia perdendo ponto, sua nota máxima não era mais dez, era nove, depois da segunda semana era oito. Você ia perdendo um ponto, dois pontos, até... então não tinha muito... Eu, filho de professores, o livro estava lá no segundo dia... Primeiro dava uma checada com os livros da Ana Maria, pra ver se ela tinha o livro, os livros eram todos guardados. Tinham estantes lá em casa só de livros didáticos, porque como meu pai era professor também, ele tinha todos os livros didáticos da área dele. O que ele adotava e os que ele não adotava. Mas, ele tinha lá. Então tinham estantes – a gente tinha muito livro em casa, tinham estantes inteiras só de livro didático – ciência, matemática. E os autores que eram amigos dele mandavam os livros pra ele. Todo ano recebia. Nem sempre coincidia com os adotados. (Depoente 1)

Há nos depoimentos referências aos modos de aquisição dos livros, que variavam em função da condição social do aluno, do contexto da época e das políticas educacionais. Na maioria das vezes, as famílias tinham que comprá-lo, sendo esse legado passado de irmão para irmão, ou mesmo doado a amigos das séries anteriores. Para os mais pobres, segundo alguns depoimentos, as escolas tinham seus fundos de ajuda, ou então era preciso contar com as relações de amizade para adquiri-los.

Eu tinha uma coisa, como tinha uma irmã mais velha [...] eu era herdeiro de livros [...]. Minha irmã, com três anos na minha frente, guardava. Por exemplo, os

livros do Mouger eram dela. E nos livros do Mouger cada série era um livro, tal. Eram todos parecidos, a capa azul, não tinha ainda a ideia nessa época de criar uma diferenciação visual. Eram todos de capa azul, precisava ler para ver qual era o livro que você estava ... Então eu era um herdeiro de livros. Agora, às vezes, como ela estudava em um colégio e eu em outro, acontecia muito do livro dela não ser o livro adotado no meu. [...]eu sempre arrumava um jeito, depois, de também passar os livros adiante. Eu sempre descobria alguém de uma turma abaixo, e a não ser justamente esses livros que a gente usava para fazer os trabalhos, e esses acabavam ficando na minha biblioteca, porque as vezes não tinha em casa, comprava, então eu acabava ficando. (Depoente 1)

As lembranças da/os entrevistada/os têm contribuído também para o questionamento de quais foram os manuais disseminados no Brasil que permaneceram nas memórias de seus usuários. Mas, como as recordações são fragmentadas, nem sempre as indicações dos livros são completas. Assim, ao longo do trabalho de organização dos dados coletados e analisados a partir das entrevistas, foi necessário criar um momento para processar a confrontação de depoimentos a partir dos temas mencionados. Esse processo foi seguido pela conferência entre os dados citados sobre os livros pela/os depoentes e as informações oferecidas por outras fontes, para a identificação das referências bibliográficas corretas. Os livros rememorados foram, também, organizados, para outros estudos, de modo a ser possível visualizar autores, títulos e editoras recorrentes nos depoimentos.

A organização das lembranças possibilita identificar os livros de geografia de Aroldo de Azevedo, presentes em duas regiões diferentes do país e utilizado por gerações subsequentes. Falam dele entrevistados que estudaram no Rio Grande do Norte e no interior de São Paulo. De história, aparecem autores, na sequência temporal, como Rocha Pombo, Joaquim Silva, Borges Hermida e Idel Becker. De matemática, há a citação de livros como o de Oswaldo Sangiorge e de Cécil Thiré, na década de 1950. De gramática aparece a lembrança, como boa referência, da autoria de Cândido Jucá Filho. De francês, há a citação do livro de G. Mouger e de *Français par la méthode directe*, da editora Hachette. Das cartilhas, há uma variedade: *Cartilha Moderna*, na década de 1950 no Rio de Janeiro; *Cartilha Sodré*, na mesma década no interior de São Paulo; *Caminho Suave*, em São Paulo na década de 1960; e *Cartilha Série A*, na mesma década, em Belém do Pará. Entre as editoras, aparecem Melhoramen-

tos, Vozes, Globo, publicações do MEC e um número relevante de livros da Companhia Editora Nacional. Há lembranças de um livro artesanal e de vários títulos e autores de obras literárias: Karl May, Machado de Assis, José de Alencar, Érico Veríssimo, Olavo Bilac, Viriato Correia e Emílio de Menezes (FERNANDES, 2004).

A identificação dos livros citados pelos depoentes só foi possível a partir da consulta aos acervos que preservam os materiais didáticos. E, nesse aspecto, cabe reconhecer uma de suas características: como objeto cultural, os manuais são efêmeros para o sistema educacional, sendo periodicamente revisados ou substituídos por outros considerados mais aceitos pelo mercado ou mais condizentes com os currículos oficiais, mais atualizados ou mais eficientes para a função deles esperada. Os denominados consumíveis são descartados de um ano para o outro, já que possuem espaços para os alunos responderem exercícios no próprio livro, e são descartados os não consumíveis de quatro em quatro anos, cumprindo o tempo de uso das políticas públicas. Os livros usados pelas escolas particulares são, muitas vezes, doados às gerações seguintes da família ou destinados aos sebos. Os manuais entendidos como desatualizados são, hoje em dia, descartados. Diante de milhões de livros designados como fora de uso, grande parte deles é transformada em resíduos de papel ou distribuída para constituir bibliotecas familiares. Alguns poucos são cuidadosamente guardados por seus usuários, como memórias de seus tempos escolares, e alguns são recuperados para compor acervos de bibliotecas de livros didáticos, importantes para estudos históricos educacionais. Hoje em dia, essas bibliotecas especializadas existem na França,¹ Alemanha,² no Japão e em diferentes estados brasileiros. Em São Paulo, temos a Biblioteca do Livro Didático na FEUSP e um pequeno acervo no LEMAD/DH/USP.

A relação entre os depoimentos e os acervos de conservação dos livros didáticos sugere algumas reflexões que podem ser consideradas a partir de duas entrevistas. O contexto da Depoente 2 é, por exemplo, indicativo da importância da preservação desses materiais para desencadeamento de uma memória afetiva em relação aos livros didáticos. A depoente, por exemplo, trabalha em uma biblioteca e, em contato com o acervo escolar, encontrou exemplares de livros com os quais estudou na infância. Esses livros suscitaram nela espontaneamente relatos sobre sua vida na escola. Ela passou a tomar emprestados os

livros para recordar em casa. A fama da memória da entrevistada correu. E foi por conta dessa fama que fomos até ela gravar suas recordações.

Ela trouxe uma foto do Rio. Ela não sabia que tinha esse livro aqui. Olha, eu já levei esse livro pra casa emprestado, já reli, já fiquei com ele rolando por lá sabe assim. E de vez em quando eu pego ele. Aí eu disse, Circe mas a gente tem esse livro. Tem? Tem. E ficou aquela guerra lá, tem, não tem... Tanto que ele estava guardado. Ele foi buscar agora o Walter. Então é assim... eu vivo cercada de livros né, aqui tem 50 mil volumes, é meu ambiente de trabalho, mas eu não posso ir em um lançamento, não posso ir em uma livraria tomar um cafezinho, só pra tomar um cafezinho, que eu tenho que sair com um livro debaixo do braço. Meu amor pelos livros é muito grande mesmo. Agora, em especial pelas cartilhas mesmo, pela.. você não se emociona em pegar um livro que você estudou?... Eu fico bem emocionada, gosto muito. (Depoente 2)

O caso da afetividade da Depoente 2 com os livros didáticos é semelhante à história narrada pela Depoente 3, que, reencontrando seus antigos livros, passou a valorizá-los como materiais importantes em sua história de vida (FERNANDES, 2004, p. 536). Nesse caso, um fator comum às duas histórias é o reencontro com os antigos manuais escolares. Ou seja, as duas tiveram a oportunidade de recordar a partir do contato direto com os antigos livros, suas imagens, seus textos, seus formatos. Esses elementos suscitaram memórias. Sem os livros em si, essas duas depoentes provavelmente ficariam apenas com vagas evocações, ou perderiam de suas histórias de vida os fortes significados que eles deixaram na memória que construíram da infância.

Nessa mesma linha de raciocínio, podemos entender, em parte, a prodigiosa memória do Depoente 1. Seus pais foram professores e em sua casa sempre foi mantido um acervo significativo de livros didáticos, adotados por eles e escritos por seus amigos. Nesse caso, além de propagar sua capacidade de guardar informações de enciclopédias, o entrevistado manteve sempre à vista alguns de seus livros de infância. A presença deles nas estantes e seu contínuo manuseio permitiram que fossem suportes de lembranças e que sua memória recordasse, quando lhe conviesse, de autores e títulos.

[...] Eu não sei se esse era deles, mas eu... meu pai já tinha em casa, eu não comprei esse livro, porque ele já tinha ... porque além de química, ele dava ciências,

história natural, ciências físicas e biológicas. Tinha um livro chamado *Iniciação à ciência*, do Andrade e do Huxley, que eu tenho até hoje. [...] Ele está aqui em casa. Alguns livros estão aqui.... que eu acho, adorei, que é o melhor livro de introdução às ciências que eu me lembro. A primeira coisa que eu li sobre ciências, que fiquei interessadíssimo foi esse livro: *Iniciação à ciência* em dois volumes – Andrade e Huxley. Esse eu tenho até hoje. Eu acho que é dessa Companhia Editora Nacional. (Depoente 1)

Como explica Ecléia Bosi, podemos duvidar de nossas memórias, mas o reencontro com outras memórias – ou, nesse caso, com os objetos – podem finalmente nos ajudar a reviver com frescor nossas evocações, antes solitárias ou duvidosas (BOSI, 1987, p. 331).

A proximidade com autores de livros didáticos também contribuiu para o Depoente 1 tornar significativos nomes e títulos. Ter estudado com aqueles que escreveram os livros adotados na sua escola (Yolanda Betim Paes Leme – *Cartilha Moderna*) e professores/autores que frequentavam sua casa, como Cécil Thiré, de matemática, possibilitou que suas memórias estivessem relacionadas a muitas outras vivências e que outras pessoas da sua família alimentassem também suas recordações com suas próprias histórias. Como diz Ecléia Bosi, “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão” (BOSI, 1987, p. 331). Fora isso, o depoente também foi favorecido pelo fato de seu pai ter sido autor de um livro didático. Nesse caso, a relação direta com um autor deu relevância a um personagem da vida escolar que nem sempre recebe atenção dos estudantes.

[...] Química eu cheguei a estudar inclusive em um livro do meu pai. Meu pai tinha um livro publicado pelo MEC, Ministério da Educação, e eu cheguei a estudar pelo livro dele. Que eu tenho até hoje um exemplar aqui. Era um livro moderno [...]. (Depoente 1)

De algumas dessas reflexões ficam questões para instigar autores, editores e docentes a respeito da responsabilidade na elaboração e no uso de manuais didáticos, considerando os papéis e as relações sociais e educacionais, os significados, os valores, as representações e as identidades que desencadeiam em

alunos e professores, tanto a partir das atividades cotidianas de sala de aula, como através de sua presença recorrente entre gerações.

ALGUMAS REFLEXÕES

Na perspectiva das diferenças, tanto subjetivas quanto sociais, as memórias colhidas entre entrevistada/os sobre os livros didáticos apresentam variações no que diz respeito ao seu potencial de acolher informações. Enquanto uma entrevistada fala dos tradicionais manuais como fundamentais para a aquisição de conhecimentos, um outro depoente critica suas generalizações, apontando as enciclopédias como fonte mais confiável e completa para o acesso aos dados.

No primeiro caso, a história pessoal e familiar, relacionada a um esforço de acesso à escolaridade, e o pouco contato com livros em geral, explica porque os didáticos são valorizados por sua virtuosidade de abrigar o saber, tão necessário e desejado.

No segundo caso, o depoente fez questão de citar nomes precisos, títulos de obras, editoras, formatos dos livros com detalhes, além de literalmente declarar que sempre teve boa memória e de ter as enciclopédias sempre presentes em sua escolaridade. Essa particularidade, rara na maioria dos depoimentos, salienta um saber peculiar, um valor especial relacionado a um certo tipo de informação. E essa valorização aponta para um aspecto de sua individualidade e sua história, ligada à interação com uma diversidade de livros presentes nas estantes da família. Em contraposição, o livro escolar é apresentado, em sua narrativa, na categoria de “generalidade”.

O valor dado às informações enciclopédicas extrapola as vivências individuais. É um valor social, compartilhado historicamente por certos grupos e sociedades, como demarca a própria história dos enciclopedistas europeus. Assim, o entrevistado não está sozinho em suas ideias, chegando a dividi-las com internautas. Algumas pessoas, no Brasil, compartilham identidades comuns por serem saudosos da presença de enciclopédias na infância e na adolescência.

Como nesse exemplo, a confrontação entre diferentes depoimentos possibilita identificar, expressas e recorrentes nas memórias, algumas questões que instigam reflexões sobre o papel social do livro didático:

- A construção autoral do relato, que, na medida em que é identificada, auxilia a compreender o contexto histórico de quem fala e seus valores;
- Os diferentes significados individuais, educacionais e sociais construídos para os manuais, que expressam crenças, ações de preservação ou não, e suas diferentes inserções sociais e mudanças e permanências históricas nos valores a eles atribuídos;
- Os elementos materiais dos livros que se fixaram na memória, como indícios da observação de suas particularidades como objetos, incluem também suas características editoriais, marcadas por épocas e gerações;
- O modo como os livros didáticos eram adquiridos e utilizados, indicando sua inclusão nas normas escolares, as mudanças na relação entre a escola e a sociedade, as relações entre livro, professor e aluno, as diferenças no poder aquisitivo dos usuários, influenciando no acesso e no valor atribuído a esse bem cultural, as transformações nas políticas públicas – interferindo na relação dos usuários com os manuais –, as práticas e métodos didáticos recorrentes no seu uso ou no seu abandono;
- A construção de identidades locais e entre gerações através dos livros, modelando identidades a partir de autores, editoras e disciplinas comuns;
- A confrontação bibliográfica dos dados fornecidos pelos depoentes, relativos aos títulos, autores, editoras e épocas, com outras fontes documentais, possibilitando revelar referências bibliográficas completas e colher informações históricas indiretamente, como, por exemplo, sobre a penetração de autores e editoras por regiões e sua permanência no tempo.

Nas entrevistas, as pessoas inserem o livro didático, por exemplo, a partir de uma narrativa que tem pontos recorrentes, que escapam ao questionamento específico, e ganham aspectos mais amplos. Assim, há uma depoente que ressalta a importância de ter estudado em escola pública, mesmo quando parte da sua escolaridade foi feita em escolas particulares. Mais de um entrevistado atribui um valor positivo à escola, sendo a escolaridade entendida como intrínseca a uma boa formação pessoal e profissional. Há dois depoentes que enfatizam as políticas públicas educacionais que beneficiaram determinadas classes sociais no seu acesso à escolaridade e à sobrevivência cotidiana. Há um

relato de trajetória de vida com a presença sempre de dois mundos, que se cruzam e se opõem: o casamento e a escola. Há ainda aquele que reforça a ideia de que a escola foi só um dos meios de formação cultural, tendo as vivências familiares maior relevância. E alguns que perseguem a ideia de que a herança, legada por seus pais, foi o valor atribuído por eles à escola e aos livros. Por sua vez, as memórias de um depoente estão recheadas de evocações particulares de sua identidade regional, reconstruídas por lembranças de ilustrações dos livros com a paisagem local (FERNANDES, 2004).

E a constatação geral foi que essa geração entrevistada, em suas memórias, valorizava muito os livros, associando-os às suas vivências escolares, aos seus professores, a métodos de aprendizagem, às suas identidades com a história do local. E revelam que os manuais eram preciosamente guardados de uma geração para outra, expressando o impacto que representavam na formação escolar.

Os livros didáticos estão na memória de seus usuários. Conhecer algumas dessas memórias contribui para o entendimento mais aprofundado desse objeto cultural, de sua presença na escola e de sua participação como elemento constitutivo da formação educacional de gerações.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BITTENCOURT, Circe. Produção didática de História: trajetórias de pesquisas. *Revista de História*, São Paulo, n. 164, p. 487-516, jan./jun. 2011.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- CHOPIN, Alain. Prefácio. In: BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 531-545, set./dez. 2004.
- JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, jan./jun. 2001.
- PASSARELI, Luisa. Mitobiografia em História Oral. Tradução: Maria Therezinha Ja-

nine Ribeiro. *História e Cultura*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 39.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaaios de História oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NOTAS

¹ França, INRP - *Institut National de Recherche Pédagogique*. Cf. http://www.inrp.fr/internet_en/.

² Instituto Georg Eckert, na Alemanha. Cf. <http://www.gei.de/en/home.html>.

Artigo submetido em 14 de fevereiro de 2024.
Aprovado em 3 de setembro de 2024.

